

Por que insistimos na palavra "mídia"?

Detalhes Publicado em Terça, 29 Novembro -0001 20:53



Share

Por que insistimos na palavra "mídia"?

Por **Ciro Marcondes Filho**

A bem da verdade, essa palavra é perfeitamente descartável de nosso convívio. Nunca precisei utilizá-la, pois temos formas equivalentes bem mais adequadas. Certa vez, fui procurar num dicionário de comunicação a palavra "media" e ele me remetia ao neologismo "mídia"

Mídia é uma palavra prostituta. Prostituta de luxo, pois imiscuiu-se em ambientes refinados fazendo- se passar por mulher de sociedade. Instalou- se em nosso meio linguístico e – pasmem! – mesmo acadêmicos, intelectuais, pensadores de respeito se dobram a essa impostura. Entraram nessa roubada. Não existe "mídia", existem os meios de comunicação, que os americanos denominaram mass media. Nós, macacos de imitação, complexados de vira-latas, apesar de termos o termo medium em nosso vocabulário – e, portanto, a forma plural "media", fomos atrás do jeito gringo de falar. Para nossa vergonha. Pois nenhum outro país adotou semelhante barbarismo.

A bem da verdade, essa palavra é perfeitamente descartável de nosso convívio. Nunca precisei utilizá-la, pois temos formas equivalentes bem mais adequadas. Certa vez, fui procurar num dicionário de comunicação a palavra "media" e ele me remetia ao neologismo "mídia". Fiquei inconformado. Deveria ser o contrário, pois o termo original, fundador e preciso era o outro.

E tem outro problema, muito mais sério: nossos textos não podem ser traduzidos para outras línguas, porque o tradutor passará automaticamente "mídia" para media, causando enorme confusão, especialmente naqueles autores que falam: "No passado estávamos na era dos mass media, mas hoje, estamos na era da mídia". Grande absurdo. O tradutor se arrancará os cabelos: "Como assim? O que pretendem esses brasileiros com essa tautologia infame: 'não estamos mais na era dos meios, mas sim na era dos... meios?'. Não é possível.

Paulo Francis

Ao que tudo indica, a palavra foi introduzida por Paulo Francis, nos idos de 1980, porque cansava-se de ter que traduzir the media por "os meios de comunicação". Era muito extenso, trabalhoso... Quem primeiro assimilou o neologismo foram publicitários e gente do meio televisivo e jornalístico. E a Academia, que deveria preservar uma distância crítica, se dobrou a esse modismo. Bizarrice que nos denigre a cada vez que o usamos.

Ora, é perfeitamente possível fazermos as conversões que nos alinhariam com o resto do mundo. Senão, vejamos. "Grande mídia" pode ser perfeitamente "grandes meios"; divulgado pela mídia pode muito bem ser mudado para: divulgado pelos meios de comunicação. Midiatizado fica melhor se substituído, sem perdas, pelo mediatizado, que é mais correto. Midiaticamente, igual, podemos falar comunicacionalmente, do ponto de vista comunicacional, ou mediaticamente. Em vez de mídia televisiva, por que não "meios televisivos"? É mais fácil, mais agradável. Sempre podemos mudar para melhor.

Os defensores, na Academia, dessa excrecência linguística dizem que não é bem assim, que "meios" não dá conta da parte tecnológica. Depende... Eles acham que a

comunicação propriamente dita é só a antiga, a pessoal, a presencial, enquanto que a “moderna” é a dos celulares, dos tablets, dos computadores, das redes, quer dizer, de tudo que tem tecnologia fazendo a mediação. Fazendo a mediação. Pois é: as pessoas aceitam a palavra “mediação”, mas, por uma questão de coerência, deveriam falar também “mídiação”. Mas não. Ficam com duas formas, às vezes até mesmo na mesma frase. A ignorância grassa.

Comunicação

Tem gente que diz: “Na época, a cidade era um ambiente comunicacional sem ser midiático”. Eles querem dizer: sem mediação tecnológica. Ora, mas a comunicação está presente também agora, na atualidade, mas com outros meios. Logo, a cidade sempre foi um ambiente comunicacional, só que, na época, não era mediado. E tampouco é verdade que só a palavra “mídia” dá conta das incorporações tecnológicas, pois, senão, também as outras línguas viriam copiar nossa fabulosa invenção linguística.

Além de comunicação tecnologicamente mediada, “mídia” é usada, também – outro barbarismo – para caracterizar CDs, DVDs, os aparelhos que os decodificam, painéis publicitários. Em suma, uma enorme quantidade de suportes (essa é a palavra boa, no caso), que fazem o termo virar um “valedão”. Mídia quer dizer muita coisa e não diz absolutamente nada.

Mídia generaliza uma instância que tem tudo de nebuloso, incerto, vago, que impede qualquer uso mais aprofundado e preciso do termo. “Diante do clamor popular midiático, a imprensa anuncia a participação das Forças Armadas.” “Clamor popular” é grito, súplica, protesto, voz ativa, usa-se para manifestação de rua, presença... Não pode ser mediática... Se é mediático, não é presencial, voz de rua.

Outro caso: “Houve uma exposição positiva da ação policial nas mais variadas mídias”. Como assim, “nas mais variadas mídias”? “Mídia” já é uma forma plural. Espanhóis, franceses, ingleses e portugueses diriam: “nos mais variados media” (ou meios de comunicação). Mídia não tem plural, pois já é um plural.

Mais um caso: “A primeira manifestação midiática sobre a favela foi o próprio muro, onde tecidos e cartolinas atacavam o prefeito”. Pera, assim também não dá: cartazes, cartolinas, tecidos, coisa artesanal, fundo de quintal, isso não é tecnologicamente mediado, isso é comunicação das mais arcaicas e clássicas.

A língua é um medium, diz Sybille Krämer, comentando Walter Benjamin. Ela se comunica consigo mesma. Mas há também o “medial”, diz ela, o imediato da comunicação. A teoria linguística de Benjamin diz que essa imediatividade é mágica e o problema de toda língua é exatamente sua magia. A nossa já se afundou há muito nos porões sombrios da cópia infiel e ordinária dos termos... Pior para nós.

Mídia generaliza uma instância que tem tudo de nebuloso, incerto, vago, que impede qualquer uso mais aprofundado e preciso do termo.

♦ **Ciro Marcondes Filho** é jornalista e professor titular da ECA-USP.